

Isabel Pires de Lima

Universidade do Porto

A fadiga / a delícia das coisas (im)perfeitas: *Ulisses / Fradique Mendes / José Matias**

*Para o Brito, meu velho amigo e colega, que me ajudou a conhecer
a delícia da camaradagem e da amizade perfeitas ao
escolher-me por amiga, camarada e cúmplice.*

Na primeira carta de amor que dirige a Claire, Fradique Mendes diz-lhe que na fase inicial da sua adoração por ela, “só quando sentia a *fadiga das coisas imperfeitas* ou o desejo novo de uma ocupação mais pura, regressava à [sua] Imagem”.¹ Por seu turno Ulisses, quando de partida da “ilha perfeita” de Ogígia para “*a delícia das coisas imperfeitas!*”², se despede da apaixonada Calipso, a deusa de “braços perfeitos” que teme pelos males que o esperam, brada: “Oh Deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!”³ José Matias, esse, nunca o ouvimos assumir a palavra para dizer o que quer que seja a Elisa, essa Helena de Tróia, ou Inês de Castro, como a designa o narrador do conto, “sublime beleza romântica de Lisboa”.⁴ Mas também ela é, como Claire uma imagem da perfeição ou como Calipso uma deusa, porventura mais intensamente amada e contemplada que qualquer uma delas.

Vem tudo isto a respeito de uma reflexão que procurei empreender sobre um dos mais extraordinários textos queirosianos, o conto “José Matias”, obra-prima da maturidade literária de Eça, da sua mestria narrativa e da sua inquietação finissecular com

*O presente artigo insere-se na linha de investigação “Poéticas comparadas” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade I&D, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do programa POCTI.

¹ Eça de Queirós – *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p.170. Itálico da minha responsabilidade.

² Itálico da minha responsabilidade.

³ Eça de Queirós – “A Perfeição”, *Contos*, Edição de Luiz Fagundes Duarte, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, p.323.

⁴ Eça de Queirós – “José Matias”, *Contos*, *idem*, p.124.

laivos já decadentistas.

Não é evidentemente sem algum sobressalto que uso o termo decadentista para me referir não apenas ao Eça autor de “José Matias”, mas para me referir ao que tem sido designado por último Eça, o Eça posterior a *Os Maias*, que nesse romance já abundantemente se anuncia. Todavia cada vez se me afigura mais evidente quanto essa fase final da obra do nosso autor incorpora dominantes próprias de uma atitude estética decadentista ditada em boa parte por uma inequívoca desconfiança relativamente ao paradigma científico-positivista que norteava as suas opções estéticas realistas-naturalistas e uma permeabilidade moderada às alternativas espiritualistas e transcendentalistas epocais.⁵ Pessimismo agónico, desequilíbrio psico-nervoso, inquietação espiritual, insulamento aristocrático, bizzaria sacro-sensual acompanhada de imagística litúrgica, erotismo como tensão fatal e irresolúvel – estas entre outras dominantes da atitude estética decadente perpassam pelos textos queirosianos.

Não se torna necessário lembrar com José Carlos Seabra Pereira que aqui, como quase sempre em Eça, tudo é “contrapontado ou prismático”⁶, tudo é caldeado pela eterna perseguição de um programa social para as gerações futuras que o fará aproximar-se com muitas reticências das tendências neo-românticas: regeneração ruralista, voluntarismo idealizante, heterotelismo moral, anti-cosmopolitismo. Não sendo imune a elas, como é manifesto em *A cidade e as serras* ou nas *Lendas de Santos* ou no conto “Civilização”, Eça é-lhe refractário em muitos aspectos, designadamente na rejeição de uma poética da expressividade sincera e inspirada e da superabundância emotiva, aproximando-se por aqui, isto é, pela definitiva compreensão da arte como construção, como labor, como ordem, como forma – “Só há Beleza onde há Ordem. Pula a sua forma!”⁷ recomenda ele já em 1884 ao seu amigo Luís de Magalhães – do Simbolismo, que teimou em não compreender, mas do qual captou, através do seu Fradique Mendes, aquilo que o simbolismo tem de mais prospectivamente moderno: a consciência de que “é uma inutilidade escrever” para exprimir o que “não é redutível ao verbo”⁸, o silêncio do que se não pode referenciar.

Enfim, Eça de Queirós não se deixa galvanizar por nem integrar em nenhuma das panaceias estético-ideológicas do fim do século mas bebe o espírito do tempo e isso pressente-se de forma muito pertinaz nos três textos a que aludi no início: *A Correspondência de Fradique Mendes*, que foi sendo publicada a partir de 1888, no *Repórter* e na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, e os contos, “A Perfeição” e “José Matias”, ambos vindos a lume no ano de 1897, na *Revista Moderna*.

Este último conto tem sido lido, e bem, como um texto que versa sobre a inanidade

⁵ Cf. textos como “Positivismo e idealismo” ou “O bock ideal” ou “Espiritismo” ou os prefácios aos *Azulejos* do Conde Arnoso ou às *Aquarelas* de João Dinis.

⁶ José Carlos Seabra Pereira – “Eça de Queirós e a problemática de fim-de-século”, *Eça de Queirós e os valores de fim de século*, Câmara Municipal da Maia, 2001, p. 94.

⁷ Na carta em que saúda entusiasmado o amigo pela escolha do tema do seu livro *D. Sebastião*, Eça reclama: “Mas, por quem é, trabalhe-me essa forma! Pula-a, cinzele-a, cristalice-a! Não se deixe levar pelas teorias abomináveis do amigo Oliveira Martins, sobre a sinceridade da emoção. O sentimento mais artificial, posto num verso maravilhosamente feito é uma obra de arte; o mais verdadeiro grito de paixão, num alexandrino desajeitado é uma sensoria. Só há Beleza onde há Ordem. Pula a sua forma!” (Carta a Luís de Magalhães de 16.08.84, Eça de Queiroz, *Obra Completa (Correspondência)*, vol. IV, Organização geral de Beatriz Berrini, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2002, p.201.)

do pensamento ou da filosofia como via de acesso ao conhecimento e exactamente como encenação da aludida incapacidade da palavra para referenciar a realidade e, em especial, a realidade comportamental e humana.

Relembre-se apenas que o narrador do conto é um douto filósofo, autor de livros de filosofia e de psicologia⁹, leitor de Fichte, Espinosa, Malebranche, Darwin e que, todavia, se sente perante o comportamento amoroso de José Matias como perante o Incognoscível: eu, filósofo, diz ele não sem alguma auto-ironia,

*esfuraquei o acto do José Matias com a ponta de uma Psicologia que expressamente aguçara: - e já de madrugada, estafado, concluí, como se concluí sempre em Filosofia, que me encontra - va perante uma Causa Primária, portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagem para ele, para mim, ou para o Mundo, a ponta do meu Instrumento!*¹⁰

Poderá haver declaração mais explícita da limitação dos saberes para explicar a realidade? O conto termina, aliás, com o narrador admitindo perante o seu interlocutor e perante o leitor que José Matias ficou “inexplicado”.¹¹

O turista intelectual que é Fradique Mendes, esse a si mesmo se apresenta como um “meridional céptico”¹², como “um espírito que já não tem curiosidades”¹³ e que tem absoluta consciência da incapacidade humana para conhecer, para ler o mundo e, como foi referido, para o exprimir, o que de resto deixou de o preocupar de sobremaneira, a ele que percorreu várias sendas epistemológicas e explorou criticamente caminhos alternativos (tenha-se presente a sua fase babista), a ponto de poder assegurar na carta a Mr. Bertrand B., Engenheiro na Palestina, que “a ilusão (...) é tão útil como a certeza: e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar tanto os contos de fadas como os problemas de Euclides.”¹⁴

E lembre-se que, também a respeito do conhecimento e da compreensão desta personagem queirosiana, o seu apresentador, isto é, o autor do estudo crítico intitulado “Memórias e Notas” que abre o livro, manifesta muitas incertezas, dúvidas, hesitações quanto à identidade intelectual e ao perfil humano de Fradique, recorrendo até, para tentar cerni-lo, às opiniões dos seus companheiros de geração, acabando por dizer mais quem não é Fradique do que quem ele efectivamente é e por admitir que as cartas soltas que dele publica apenas revelam “a espuma radiante e efémera que fervia e transbordava, enquanto em baixo jazia o vinho rico e substancial”.¹⁵

Nestas duas últimas obras, o leitor vê-se então face a dois narradores muito distanciadas da confortável omnisciência dos velhos narradores queirosianos e, em consequência das dúvidas que sem reboços patenteiam, vê-se confrontado com protagonistas que são difíceis de apreender como totalidade, cujos comportamentos não são lineares, cuja inquietação ontológica gera percursos vivências tortuosos. Ao terminar a sua leitura, o leitor destes dois textos pergunta-se inevitável e invariavelmente: Quem foi afinal este

⁹ O texto informa que ele é autor das seguintes obras: *Defesa da Filosofia Hegeliana* (p.121), *Origens do Utilitarismo* (p.134), *Ensaio dos Fenómenos Afectivos* (p.144) (“José Matias”, *idem*).

¹⁰ *Idem*, p.135.

¹¹ *Idem*, p.151.

¹² *A Correspondência de Fradique Mendes*, *idem*, p.121.

¹³ *Idem*, p. 231.

¹⁴ *Idem*, p. 188.

¹⁵ *Idem*, p. 112.

Fradique Mendes? Quem foi afinal este José Matias? Que queriam da vida? Que procuravam?

Algo de diferente se passa no conto “A Perfeição”. Aqui temos um narrador onisciente que conta a experiência de prisão no paraíso vivida por Ulisses na ilha de Ovígia, um narrador que sabe quem é quem e que conhece os pensamentos e os desejos dos deuses e dos humanos. O leitor sabe então que Ulisses, reiteradamente qualificado pelo narrador como o mais subtil dos homens, vive a experiência da perfeição, desde o dia em que o acaso dos mares ou a vontade dos deuses marinhos o atiraram para aquela ilha perfeita, para os braços da perfeita Calipso.

Sete anos, isto é, um ciclo acabado/perfeito de vida foi vivido por Ulisses, sempre objecto do desejo da sua deusa, num ambiente de beleza, paz, harmonia, doçura, abundância, mas esse excesso de perfeição, a par da carência de desejo que experimenta fazem Ulisses gemer jazente de tristeza e saudades pela sua humana Penélope. Ulisses desgosta a perfeição pela sua dimensão inumana: “Não posso mais com esta serenidade sublime!” – confessa ele a Calipso – “Toda a minha alma arde no desejo do que se deforma, e se suja, e se despedaça, e se corrompe... Oh Deusa imortal, eu morro com saudades da morte!”¹⁶ O conto encerra com a cena da libertação de Ulisses fugindo com sofreguidão à perfeição a caminho da “delícia das coisas imperfeitas!”¹⁷

Quem é Ulisses? Apesar de subtil e herói, Ulisses é o arquétipo do humano¹⁸, que ganhou o estatuto de herói na sequência de uma procura do ideal, de uma demanda que o levou a partir em viagem e a cometer gestos heróicos excepcionais, o qual ganhou, em consequência, o amor de uma deusa e o acesso à perfeição. Mas a vivência da beleza e do bem absolutos, isto é, do absoluto que é a perfeição revelou-se-lhe impossível, e inconcebível a sua dimensão de eternidade. A Ulisses é-lhe facultada a perfeição mas ele não a deseja, e recusa-a. A perfeição apresenta-se-lhe sob a forma do absoluto de uma mulher divina que o deseja, sem que ele, por seu turno, seja sujeito de desejo e isso aniquila-o. Ele jaz gemente, apesar do doce amor que goza com a deusa¹⁹. Ulisses é demasiado humano para não aspirar à “delícia das coisas imperfeitas”, isto é, para poder prescindir da outra polaridade do erotismo humano, a perecibilidade, incompatível com um amor divino. O apelo de Tanatos é mais forte e ele parte para se salvar.

Ulisses não será com Fradique Mendes ou José Matias o protagonista de uma das aporias do Eça finissecular: a da possibilidade da busca da verdade, do absoluto, da perfeição, em suma, através da relação amorosa? Perante o reconhecimento dos limites epistemológicos dos saberes para ler o mundo e para alcançar a verdade, isto é, o absoluto, o amor não se prefigurará como uma possibilidade de acesso à perfeição, como uma alternativa a interrogar/explorar?

Os percursos amorosos de Ulisses, Fradique Mendes e José Matias não serão três modalizações desta problemática que, não sendo nova em Eça de Queirós, – é já anunciada num romance como *Os Maias* – ganha, à época da publicação das obras em causa,

¹⁶ “A Perfeição”, *idem*, p.321.

¹⁷ *Idem*, p.323.

¹⁸ Maria de Fátima Marinho já chamou a atenção para quanto o Ulisses queirosiano é muito mais humanizado que o de Homero, considerando inclusivamente o conto em questão como “uma reflexão sobre a condição humana”. (“Releer um mito (A propósito do conto *A Perfeição*)”, *Vária Escrita*, nº4, 1997, p.215)

uma dimensão angular, conjugável com a preocupação que, como foi dito, Eça partilha-va com ou pelo menos bebia de um certo espírito decadentista?

Importa atentar um pouco no modo como Fradique Mendes vive a única relação amorosa acerca da qual fala. Claire é uma mulher que apenas entreviu mas de quem fala a Madame de Jouarre (Carta II) como sendo uma deusa de ombros “*angélicos*, imitados de uma madona de Mantegna”, “ombros dolentes de virgem do século XIII”.²⁰ E na primeira carta que lhe escreve, dirige-se-lhe numa linguagem sacro-litúrgica digna de uma “rainha de graça entre as mulheres”²¹, paramentando-a de cores de ouro, aureolando-a de um esplendor espiritual justificativos da atitude de adoração contemplativa que face a ela adoptará. Tal “Monge, fechado na minha cela,” – escreve-lhe ele – “comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a santa a que me votara.”²² Claire, senhora de “tantas perfeições”, afigura-se-lhe a própria corporização da perfeição, à qual aspira em atitude de “adoração perpétua”²³, submissa e toda espiritual. Quase no final da carta, Fradique reclama a dimensão puramente espiritual do seu amor, que nasceu não do toque físico das suas mãos, mas da pura contemplação²⁴, e implora:

*Só desejo que me deixe viver sob essa influência, que, emanando do simples brilho das suas perfeições tão fácil e docemente opera o meu aperfeiçoamento. Só peço esta permissão caridosa. Veja pois quanto me conservo distante e vago, na esbatida humildade de uma adoração que até receia que o seu murmúrio de prece, roce o vestido da imagem divina ...*²⁵

Não é difícil imaginar José Matias dizendo estas palavras a Elisa, caso lhe fosse permitido aceder à palavra. Ele não fala, mas o seu comportamento perante aquela “Deusa [que] raramente emergia de Arroios e se mostrava aos mortais”²⁶, relatado pelo narrador, quando visita José Matias na casa da Parreira, à época do primeiro casamento de Elisa, na fase inicial de afirmação do “forte, profundo, absoluto amor”²⁷ que passara a devotar-lhe, é um primeiro e definitivo indício da dimensão espiritual, religiosa, ritualista, sagrada e contemplativa do amor que lhe dedica e dedicará. A sua atitude, desde o sorriso “iluminado” e algo beato que sustenta, ao escrúpulo religioso que põe na toilette onde domina o branco, cor ritual a que também Elisa recorre, indiciam a dimensão religiosa da cena que se seguirá envolvendo a contemplação do objecto amado. O passo é um pouco longo, mas a sua citação impõe-se na medida em que patenteia a natureza da relação amorosa que José Matias mantém e manterá com Elisa para toda a vida:

O José Matias no entanto conversava, antes murmurava, através do sorriso perene, coisas afáveis dispersas. Toda a sua atenção se concentrara diante do espelho, no alfinete de coral e pérola, para prender a gravata, no colete branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um padre novo, na exaltação cândida da primeira missa, se reveste da estola e do amito

²⁰ *A Correspondência de Fradique Mendes*, *idem*, p.120.

²¹ *Idem*, p.169.

²² *Idem*, p.171.

²³ *Idem*, p. 171.

²⁴ “E considere que, ” – pede-lhe ele – “para exercer esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas – bastou que eu a avistasse de longe, numa festa, resplandecendo.” (*Idem*, p. 172).

²⁵ *Idem*, pp. 172-3.

²⁶ “José Matias”, *idem*, p.125.

*para se acercar do altar. Nunca eu vira um homem deitar, com tão profundo êxtase, água de Colónia num lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba rosa, foi com inefável emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu largamente, solenemente, as vidraças! Introibo ad altarem Deae! Eu permaneci discretamente enterrado no sofá. E, meu caro amigo acredite! Invejei aquele homem à janela, imóvel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos e a alma e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao Mundo como se o Mundo fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!*²⁸

Voltando à primeira carta a Claire há pouco referida, na qual Fradique exprime o impacto que a sua contemplação lhe causara, compara-se a um artista extasiado que, tendo descoberto num armazém escuro “a obra sublime de um mestre perfeito” a guarda “em sacrário, imóvel e muda no seu brilho” e “só quando sentia a *fadiga das coisas imperfeitas* ou o desejo novo de uma ocupação mais pura, regressava à Imagem”.²⁹ Claire, nesta fase, é para Fradique, tal como será definitivamente Elisa para José Matias, um quadro, uma imagem, – a palavra imagem surge maiúsculada no texto d’ *A Correspondência* – isto é, uma espécie de símbolo arquetípico do feminino idealizado como objecto de adoração. Talvez não seja despiciendo lembrar que nas “Memórias e Notas”, o narrador reduz a vida amorosa de Fradique ao seguinte: “Fradique amou mulheres; mas fora dessas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher”³⁰ – e também aqui a palavra mulher aparece grafada com maiúscula. A mulher, ou mais exactamente a sua representação, a sua imagem, Claire no caso – ou Elisa para José Matias – aparece como idealização da perfeição, lugar de fuga quando se sente “a fadiga das coisas imperfeitas”.

Portanto poder-se-á dizer que o Fradique desta primeira carta a Claire e José Matias são uma espécie de anverso de Ulisses: este contemplou longamente uma deusa, concretizou com ela uma relação amorosa e a experiência desse patamar da perfeição levou-o, fatigado, a desejar “a delícia das coisas imperfeitas”, Fradique e, como facilmente se deduz que terá acontecido a José Matias³¹, pelo contrário, entregam-se à contemplação das suas deusas perante “a fadiga das coisas imperfeitas” e experimentam, nesse amor todo transcendência, a perfeição.

O mundo a ambos os desinteressa face àquela realidade suprema a que a contemplação amorosa os conduz. “Comecei a viver cada vez mais retirado no fundo da minha alma,” – admite Fradique – “perdido na admiração da imagem que lá rebrilhava – até que só essa ocupação me pareceu digna da vida, no mundo todo não reconheci mais que uma aparência inconstante, e fui como um monge na sua cela, alheio às coisas mais reais, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para ele a única realidade.”³² Não poderia dizer o mesmo José Matias? O narrador descreve-o entregue a um “ideal de adoração de monge,

²⁸ *Idem*, pp. 127-8..

²⁹ *A Correspondência de Fradique Mendes*, *idem*, p.170.

Itálico da minha responsabilidade.

³⁰ *Idem*, p.88.

³¹ Note-se que José Matias para além da paixão em causa teve sempre uma experiência do imperfeito no que ao amor se refere. Em Coimbra os companheiros chamavam-lhe *Matias- Coração-de-Esqulito*, dada a sua “imensa superficialidade sentimental” (“José Matias”, *idem*, p.124) e depois, no tempo da seu desespero face ao segundo casamento de Elisa, entrega-se a uma agitada vida escandalosa envolvendo designadamente as mais torpes mulheres de Lisboa(cf. p.140).

que nem ousa roçar, com os dedos trémulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele, sim!” – acentua a narrativa – “Ele gozou nesse amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos, (...), caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante! Sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser!”³³

Não se apresentam similares José Matias e o Fradique desta carta inaugural a Claire? Tão idênticos me parecem que o fim da carta de Fradique até se ajustaria mais à pena de José Matias, que o narrador admite ele ter enviado cartas a Elisa por sobre o muro do jardim que separava as suas casas:

*(...) amanhã, vou passar a tarde com Madame Jouarre [escrito por José Matias seria na quinta de D. Mafalda]. Não há aí a santidade de uma cela ou de uma ermida, mas quase o seu isolamento: e se a minha querida amiga surgisse, em pleno esplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indescrito e sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para espiar.*³⁴

Mas, como é sabido, enquanto José Matias nunca abandonará a espera que quer eterna, optando por consumir-se numa adoração intemporal, que, por escolha própria, nunca transmutará em relação carnal, Fradique Mendes experimenta, como Ulisses, o amor físico com a deusa e, conseqüentemente experimentará outras variações da perfeição ou da imperfeição e da insatisfação humanas.

Na segunda carta a Claire, Fradique reconhece o amor como uma iniciação, como uma via revelatória de acesso ao saber e ao auto-conhecimento que ele, no seu gosto pela precisão concisa, sintetiza na seguinte fórmula: “Amo, logo existo!”³⁵, mas reconhece também que o amor, ao assumir a sua vertente física, torna efêmero o acesso à perfeição: “É que,” – confessa ele – “longe da tua presença, cesso de viver, as coisas para mim cessam de ser – e fico como um morto jazendo no meio de um mundo morto. Apenas, pois, me finda esse perfeito e curto momento de vida que me dás, só com pousar junto de mim e murmurar o meu nome – recomeço a aspirar desesperadamente para ti como para uma ressurreição!”³⁶ Eros confronta sempre o homem com Tanatos e, conseqüentemente, com a experiência do erotismo como tensão fatal e irresolúvel, geradora de uma mais aguda consciência da incompletude e da insatisfação humanas, problemáticas, recorde-se, bem próprios da inquietação decadentista inicialmente aludida.

Nesta segunda carta, avoluma-se, portanto, a distância entre os percursos amorosos de José Matias e de Fradique, embora haja ainda muitos pontos de confluência. Este último continua a reclamar a divindade, a beleza completa e a perfeição rutilante para o objecto amado, como faria José Matias e exprime mesmo à amada certas angústias que por este poderiam ser partilhadas, como o confessado “incessante desespero de não te saber amar condignamente”³⁷ ou o desejo de “envolver-te toda numa felicidade imaterial, seráfica, calma infinitamente como deve ser a Bem-Aventuraça – e assim

³³ “José Matias”, *idem*, pp.128-9.

³⁴ *A Correspondência de Fradique Mendes*, *idem*, p.178. Sublinhado da minha responsabilidade.

³⁵ *Idem*, p.202.

³⁶ *Idem*, p.201.

³⁷ *Idem*, p.204.

deslizarmos enlaçados (...), saindo da vida à mesma hora e indo continuar no Além o mesmo sonho extático”³⁸ ou ainda a declaração de que “por o meu amor não ser perfeito, tenho de me contentar que seja eterno”.³⁹ Ora, da recusa de José Matias em casar com Elisa e do processo de degradação humana e social a que se submete – jogo, alcoolismo, pobreza, marginalidade, em suma – tudo isto a par da persistência na contemplação extática da amada, até à morte física, facilmente se deduz uma oscilação idêntica à mostrada por Fradique entre desespero ditado pelos limites da capacidade humana de amar e excessiva reclamação de uma idealização amorosa eterna.

Porém, não poderiam eles partilhar a seguinte confissão pungente de Fradique: “Só posso deixar de te amar – quando deixar de ser. E a vida contigo, e por ti, é tão inexprimivelmente bela! É a vida de um deus”⁴⁰ José Matias nunca conheceu a vida com Elisa, na medida em que não conheceu com ela a relação carnal, mas mesmo assim honrará, ao contrário de Fradique, estas suas palavras. Ele amará efectivamente Elisa até ao fim, ao longo dos dois casamentos e da vida com o amante que ela escolhera. Amá-la-á e persistirá na sua contemplação até ao fim. Fora encontrado moribundo, diz-nos o narrador, “com a face coberta de morte, voltada para as varandas de Elisa”.⁴¹ E não receara a perda da dignidade quando andrajoso e alcoolizado passara a contemplar Elisa escondido num portal em frente a sua casa. Pelo contrário, quando se apercebeu que Elisa o descobrira naquele esconderijo e o procurava com o olhar, José Matias ficou “deslumbrado. E agora avivava desesperadamente o lume, como um farol, para guiar na escuridão os amados olhos dela, e lhe mostrar que ali estava, transido, todo seu, e fiel!”⁴²

Com efeito, José Matias, na coerência não humana do seu amor por Elisa, torna-se um deus e um farol para ela, que persistirá deusa aos seus olhos, como provavelmente ele aos dela. Só isso explicará o gesto de Elisa ao mandar o amante na hora do enterro de José Matias ao cemitério cobri-lo de violetas.

Fradique, na terceira e derradeira carta que escreve a Claire, anuncia a sua súbita partida e assume o rompimento da relação no sentido de evitar “a lei do universal depercimento e fim das coisas”.⁴³ Com este gesto, ele pretende, numa atitude esteticizante, não tanto evitar a morte desse amor que já sente ameaçado pela frialdade da foice do tempo, quanto fazê-lo sobreviver através da recordação na plenitude da sua beleza e força, como uma bela imagem do passado. Fradique parte e, apesar de perder o amor de Claire, não fica “como um morto jazendo no meio de um mundo morto” e deixa de “aspirar desesperadamente” para ela “como par uma ressurreição”⁴⁴, isto é, foge à morte do amor e à sua própria morte. Constata a impossibilidade da eternização do amor como absoluto, da perfeição, em suma, e foge.

Afinal José Matias revela-se *o mais subtil dos homens*, mais que Ulisses, mais que Fradique, ao saber evitar durante vinte longos anos os logros do amor carnal e matrimonial, mantendo-o no domínio da pura idealização, isto é, no domínio da perfeição.

³⁸ *Idem*, pp.204-5.

³⁹ *Idem*, p.205.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ “José Matias”, *idem*, p.150.

⁴² *Idem*, p.147.

⁴³ *A Correspondência de Fradique Mendes*, *idem*, p.232.

⁴⁴ Cf. *apud*.

Claro que se pode mais prosaicamente dizer que José Matias, dominado por uma nevrose do fracasso, prefere beneficiar com a posse idealizada com medo do fracasso após a posse real. É verdade. Eu prefiro olhá-lo como *o mais subtil dos homens*, um herói, um deus que paga a perseguição da perfeição com o auto-aniquilamento inclusivamente físico.

Ulisses recusa a perfeição divina e acredita numa espécie de perfeita imperfeição humana junto da sua Penélope, José Matias e Fradique Mendes recusam a imperfeição humana e aspiram à perfeição dos deuses. Fradique alcança-a momentaneamente pelo amor idealizado e carnal e quando se apercebe de que até esse amor em que dois foram “um para o outro e amplamente o mundo todo”⁴⁵, ou seja, o absoluto, é perecível, foge evitando a morte e a sua própria morte. José Matias, esse, empreende a mais complexa das viagens que estes três viajantes empreendem em busca da perfeição; os outros dois salvam-se fisicamente mas perdem a perfeição, ele sucumbe fisicamente, mas vislumbra-a.

Quem são, em suma, estes três viajantes da perfeição? Três variações inventadas e modulizadas por Eça para glosar a incompletude da natureza humana, a impossibilidade ontológica de a superar, sem risco de vida, o carácter inalcançável da totalidade, isto é, da perfeição. Três viajantes da perfeição às portas da modernidade e da consciência desta última do definitivo estilhaçamento da totalidade.